

SAÚDE & MEDICAMENTOS

Gilson Carvalho¹

Vira e mexe as pessoas me perguntam em palestras e aulas - "Gilson, o que é saúde?". Todos sabemos o que é saúde. Todos buscamos saúde. Todos ansiamos pela saúde. Mas, na hora de definir tropeçamos nas palavras. Fazemos circunlóquios. Definimos apenas parte dela. Saímos com a sensação de que não sabemos dizer, nos expressar. Podemos buscar emprestadas palavras bonitas a poetas: "Saúde é Vida!" "Saúde é a primeira de todas as liberdades." "Saúde é viver com amor". "Saúde é viver bem." Podemos ir atrás da Organização Mundial de Saúde e ouvir o solene e sempre presente: "Saúde não é apenas a ausência de doenças, mas, um estado de completo bem-estar físico, social e mental". Não fosse o "completo" que faz de nós uns eternos e incorrigíveis "sem saúde", até seria tecnicamente boa a definição!

Eu também, duplamente envolvido, depois de décadas como gente e outras como médico ... me enrolo. Faço meu circunlóquio e dou a volta. Comecei a pensar o que mais quero eu. Resumi no "viver mais e melhor". O máximo na linha do tempo: viver mais. O máximo na linha da qualidade: viver melhor. Ainda que sendo o esgotamento possível do termo, as palavras mais e melhor traduzem pontos móveis, variáveis, dinâmicos. Bem ao estilo do viver. Se assim é, quem sabe "saúde signifique viver mais e melhor"? Viver mais dias, mais anos, mais tempo... seria pouco. Necessário se faz qualificar este viver. Viver melhor. Das duas variáveis, do tempo e da qualidade, a mais rica e essencial seria a do viver: mais ou melhor? Sem dúvida as duas se completam em sua plenitude. Mas, a dimensão da qualidade do viver é mais importante. Viver melhor deveria ser o objetivo mais procurado por nós. Os filósofos já diziam que "a idade com que morremos só tem significado para os que permanecem vivos". O tempo de vida em geral, mas não só, é determinado pela qualidade do viver. Inúmeras vezes a fatalidade a ceifa de surpresa em seu começo, meio ou fim, sem nem mesmo termos perdido antes, a qualidade do viver. Pega-nos a "Sra. Foice" em pleno gozo do mais.

¹ Gilson Carvalho - Médico Pediatra e de Saúde Pública - carvalhogilson@uol.com.br - O autor adota a política do copyleft podendo este texto ser copiado e divulgado, independente de autorização e desde que sem fins comerciais.

Se os filósofos estão corretos teríamos que trabalhar muito na qualidade do viver. Viver melhor seria nosso maior objetivo. E aí pensamos de quem seria esta responsabilidade de nos garantir ou ajudar a melhor viver. Na hora descobrimos que é uma responsabilidade complexa que envolve direta e indiretamente várias pessoas. Começa sempre por nós mesmos individual e coletivamente. Passa pela família, pelas empresas, pela sociedade, pelos governos. O viver depende de nossa carga genética, da história biológica e de nosso estilo de viver (enquanto variável de controle individual). De outro lado depende daquilo que está ao nosso redor, nas variáveis do meio ambiente: condições econômicas e sociais, espaço físico e ... os serviços de saúde de que dispomos (suficientes ou insuficientes, de boa ou má qualidade). Quanta coisa por trás. A reflexão que se impõe é que nós profissionais e dirigentes públicos e privados de saúde precisamos ter clara esta situação em nossas mentes. De um lado, conhecermos de nossa imensa responsabilidade para com a vida sendo elo essencial de sua sustentação. De outro, a certeza da pequenez de nosso papel a ponto de não podemos assumir sozinhos esta responsabilidade. O médico cuida do coração, mas longe dele poder se responsabilizar por tudo que já aconteceu e acontecerá com a saúde de nós pessoas. O cirurgião dentista cuida da saúde bucal, mas a responsabilidade é mais ampla e está também e principalmente, nas mãos de cada um de nós, indivíduos e sociedade. Os farmacêuticos produzem medicamentos, organizam a assistência farmacêutica, dispensam diretamente aos doentes. Pesquisam e ensinam.

Vale lembrar hoje o embaraço que estamos diante das inúmeras hipóteses terapêuticas. A cada dia novos saberes, medicamentos modificados para melhor combater os agravos, mas, também, com possibilidade de aumentar o ganho de uma nova patente com novos preços, quase sempre exorbitantes.

Quando, no pré-constitucional, milhares de cidadãos brasileiros, pensamos um sistema de saúde universal e integral, com tudo para todos, esta integralidade tinha paradigmas. Sonhamos e desejamos um TUDO PARA TODOS onde houvesse uma INTEGRALIDADE REGULADA. Regular a integralidade seria conferir a ela paradigmas científicos. Comprovação de possibilidade fática de benefício e de risco-benefício evidentemente favorável a este. Antes, neutralizados os distúrbios industriais-comerciais inerentes à potencialização de seus efeitos e neutralização de seus riscos. De outro lado, onde se afastasse a INTEGRALIDADE TRINCADA. Trincada pela iniquidade geral que permite a existência de cidadãos de primeira, segunda e terceira categorias e pela conseqüente iniquidade de acesso a ações e serviços de saúde. Trincada pelo co-pagamento das farmácias populares do Governo etc. etc.. A INTEGRALIDADE TRUNCADA. Truncada pela mistura do que sejam ações e serviços de saúde e as ações dos

condicionantes e determinantes da saúde. A INTEGRALIDADE TURBINADA. Turbinada pela predominância do interesse industrial-comercial onde a pior das éticas impera, desrespeitando-se o cidadão e defendendo a corporação. O desafio é ter cidadãos usuários, profissionais e dirigentes com a idéia fixa de garantir o paradigma da INTEGRALIDADE REGULADA.

A assistência farmacêutica está dentro desta proposta de INTEGRALIDADE REGULADA. A CF coloca em seu Art.198, como uma de suas três diretrizes, a INTEGRALIDADE. A Lei Orgânica da Saúde - 8080 em seu artigo 7º explicita melhor esta integralidade: "Integralidade da Assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso, em todos os níveis de complexidade do sistema." Ainda na LOS, já em seu Art.6º, inclui-se no campo de atuação do SUS a "assistência terapêutica integral, inclusive a farmacêutica". De alguns anos para cá a polêmica não conseguiu impedir que o Governo Lula, eleito e sustentado por ampla militância do movimento sanitário brasileiro e sua capacidade de mobilização da sociedade, decidisse quebrar este princípio da integralidade como direito, passando a defender o co-pagamento de medicamentos proposta do Banco Mundial para o Brasil e outros países "subdesenvolvidos". Além de quebrar o direito integral, garantido mediante o pré-pagamento de impostos e contribuições do cidadão (equivocadamente por nós denominado de "gratuidade do direito à saúde") cria-se a admissibilidade de toda e qualquer cobrança por fora e em qualquer esfera de governo: medicamentos, exames, consultas, remédios hospitalares, órteses e próteses.

Lembro-me de um Conselheiro do Conselho Nacional de Saúde que, questionado porque razão aprovara a proposta do Governo de criação da Farmácia Popular (a que cobra!) ele disse, publicamente, que tinha votado em "defesa do mercado de trabalho dos Farmacêuticos". Choquei-me com a desfaçatez da justificativa pois era tudo que esperávamos de diferente, principalmente de uma cabeça de pensamento socialista. Queimava-se o princípio da integralidade, prejudicando o povo, cidadão usuário, em defesa de um grupo de cidadãos, os farmacêuticos, merecedores de todo respeito, mas que, jamais poderiam estar contrapostos: grupo e coletividade, optando-se por defesa daquele.

Continuo defendendo a integralidade regulada em todas as áreas, inclusive na assistência terapêutica, mas sem cobrança direta e sempre financiada com impostos e contribuições de nós cidadãos, como manda a CF. Ainda tenho esperança de nos mobilizarmos para reverter este quadro de inconstitucionalidade da Farmácia Popular.

Dia a dia torna-se mais complexo o saber do trabalho profissional de cada um de nós. Na área de saúde estamos, a todo momento, sendo submetidos a novos desafios do saber. Nunca foi tão evidente o dito de que "Cada vez sabemos mais que não sabemos! "

Profissionais e serviços de saúde, públicos e privados, somos apenas um dos pilares desta sustentação do viver. Saúde, viver mais e melhor! Objetivo-dever de cada um e de todos: ajudarmo-nos e às pessoas, a só morreremos bem velhinhos e a só vivermos com a melhor qualidade de vida... possível!